

PRIMEIRO SEMESTRE DE 2019

Reunião pedagógica – Manhã – 13 de fevereiro de 2019

Coordenação da atividade – Rosângela Gavioli Prieto

Manhã

Abertura - Marcos Garcia Neira

Exposição da dinâmica dos dois períodos da reunião – Rosângela Gavioli Prieto

Tema: “Promoção de saúde”

A escolha do tema se deveu à vivência de *Situações desencadeadoras* no primeiro semestre de 2018 (maio), início da atual gestão da CG. Essas situações incluem o conhecimento de casos de estudantes com problemas de permanência no curso de Pedagogia por questões de saúde mental, casos esses relatados oralmente por docentes, pela direção da Feusp ou pelos próprios estudantes, ou ainda relatados por escrito nas justificativas para pedidos de trancamento ou de retorno ao curso.

Diante desses fatos, foram experienciadas pela presidenta da CG algumas formas de acolhimento e de registro. Como acolhimento, foram realizadas conversas com o próprio estudante e/ou o adulto de sua referência, e também com os docentes que ministravam aulas nas turmas em que esses estudantes estavam matriculados. Nessas conversas, buscava-se tomar decisões sobre ações que visavam a proporcionar condições favorecedoras à continuidade dos estudos desses estudantes e a finalização das disciplinas. Para possibilitar o acompanhamento, foi criada uma sistemática de armazenamento de informações gerenciada pelo Serviço de Graduação/Seção de Alunos que pode ser consultada a cada semestre para averiguar a permanência ou não no curso e o desempenho alcançado em termos de nota e frequência nas disciplinas em que estavam matriculados.

A organização do período da manhã desta Reunião Pedagógica tem como objetivo desencadear a construção de uma política institucional de acolhimento de estudantes que estejam enfrentando situações desafiadoras à sua permanência no curso de Pedagogia.

Para dialogar sobre o tema Promoção da Saúde foram convidadas as docentes do Instituto de Psicologia: Adriana Marcondes Machado e Maria Luisa Sandoval Schmidt

Adriana deu início à sua fala resgatando considerações sobre a construção do conceito de saúde mental e ressaltou a importância de a educação não ser contagiada por discussões da saúde mental. Nesse início de sua fala, explorou como a Rede não Cala foi agindo diante de relatos de situações de violência que chegaram ao seu conhecimento.

Maria Luiza (Malu) chama a atenção para o fato de a saúde mental ser tema cada vez mais veiculado bem como os seus agravos na Academia. Problematisa e critica a naturalização da associação entre sofrimento e episódios de suicídio à doença mental, posto que defende ser inadequado vincular a ideia de que quem sofre está doente. Utiliza-

se da noção de promoção da saúde e de que tal naturalização é favorável à noção de sofrimento como doença.

A saúde mental é analisada por ela como campo em disputa ideológica, ética, política, clínica, econômica, que tem trajetória longa no mundo e no Brasil. O ideário da loucura como doença tem no manicômio a instituição de tratamento, e, em nome do direito ao tratamento, produz efeitos que podem exercer poder de vida e morte sobre os sujeitos. Do ponto de vista ético, as pessoas são destituídas de seus direitos – direito à memória, convivência, liberdade. São existências destituídas de valor, o que acaba por estimular a construção ideológica dessas pessoas como perigosas, criminosas, imorais ou amorais. O saber psiquiátrico tornou-se hegemônico em relação a qualquer outro tipo de abordagem, dentre elas a de uma sociedade igualitária, libertária em que a diferença é tida como riqueza, não como ameaça.

É importante dialogar sobre essas situações, com vistas a pensar sobre em que experiência a pessoa ancora seu sofrimento, buscando substituir a narrativa do sujeito pelo diagnóstico e a desconstrução do sofrimento e da loucura como doença. A compreensão do que se passa nos implica, pois não podemos atribuir a uma questão individual o gesto de suicídio, por exemplo.

Como profissionais da USP, há que nos implicarmos para discutirmos a vida universitária que produzimos.

É fundamental investirmos na democratização das relações, da universidade, com a produção de espaços de diálogo. A questão não é curar, é acolher e conviver. O Ipusp tem uma Bateria, tem tutoria, tem festa, happy hour, enfim, acontecimentos do cotidiano que permitem que as pessoas estejam próximas, gerando maior acompanhamento.

Adriana, citando Cristina Vicentin, dá destaque a um conceito por ela utilizado, o “dispositivo coletivo de proteção”, segundo o qual a vulnerabilidade e o risco que atravessam os corpos e as vidas diminuem quanto mais se ampliam os dispositivos coletivos e quanto mais os adultos correm mais risco e assumem criar alternativas em prol da vida.

Segundo ela, temos que inventar jeitos de fazer a interface saúde-educação considerando esses mecanismos e apostando nas diferenciações que acontecem no cotidiano. Adriana defende como possibilidade a transformação da pergunta “o que ele tem?” para “como isso se produz?”. O processo de constituição daquilo que chamamos transtornos sempre estará sendo construído, o que permite agir sobre as condições que o produzem.

Recorrendo a Canguilhem que, segundo ela, define normal como a capacidade de construir norma de vida, destaca que cabe pensar o que tem impedido a construção de normas de vida. A criação de normas depende de liberdade. Só cria normas de vida quem consegue agir no mundo, e para isso é preciso acesso à dimensão pública da vida. Doença seria a construção de normas constrangidas. A doença é normal e essa forma de concebê-la está entre os campos de disputa na área de saúde mental.

Adriana explora algumas ações na USP, tal como a experiência da Rede não Cala e das Comissões de Direitos Humanos. Do Ipusp traz as ações dos Coletivos feministas, da Tutoria, em que cerca de 20 professores/as se tornam tutores/as de 2 ou 3 estudantes do primeiro ano; também ressalta a importância do trabalho com grupos pequenos de Supervisão, em que é possível fazer escuta e orientações sobre os desafios de suas experiências práticas. Reforça a ideia da força dos coletivos.

Na sequência foi aberto espaço para os presentes fazerem seus comentários e as falas abordaram a necessidade de articulação dessa ação com as da CPG, as péssimas condições de moradia na USP, reiteraram a necessidade de ter um grupo ou instância de referência a quem os docentes possam recorrer. Algumas falas seguem registradas:

- Importância de articulação das ações da CG com as da Pós.
- Vários aspectos dificultam a permanência estudantil: condições precárias de moradia estudantil, dificuldade de acesso à internet, entre outros.
- Necessidade de estabelecer um coletivo de suporte à permanência dos estudantes.
- Importância de construir um ambiente coletivamente com qualidade de relações, permeado pelas noções de cuidado, ética e amorosidade.
- Dar ênfase nos grupos coletivos e de convívio, pois realidade institucional é frontalmente oposta a isso. Precisamos e devemos criar alternativas que reponham a ideia de convívio universitário.
- É preciso construir um rol de possibilidades para os atendimentos.

Para finalizar, foi dada a palavra novamente à Adriana que relembra uma situação em escola de educação básica, em que o menino viu o pai sendo queimado. As professoras comentaram muito sobre a história. Um certo dia, o menino chega para a aula de matemática. Sua professora o recebe dizendo que sabia o que tinha acontecido, e que ele tinha o direito de não ter passado por isso, mas que ela ia dar aula de matemática agora, e que aprender também era um direito dele. E convidou-o para a aula. E ele foi.

A cada vez que acontece uma situação, é tenso. Costumeiramente, quem mais ajuda nas situações de crise é o/a amigo/a. E os/as colegas acham que isso deveria ser feito pelos/as professores/as.

Fala sobre a importância de essas situações serem faladas desde a entrada na instituição – seja na graduação, seja na pós. Ressalta a importância da constituição de espaços de trocas, como estratégia de produção de saberes.

Segundo ela, por princípio, a escola está servindo para a formação dos/as estudantes e estágio não é prestação de serviço, é momento de formação. A supervisão é o espaço de formação, de troca de experiências.

A professora *Malu*, ao retomar a palavra, destaca a importância do lugar da construção coletiva e da convivência pública na proposta que queremos construir. Estamos em um momento de decadência da convivência. O estilo de vida acadêmica atual convida menos às relações. Temos menos tempo para nossos/as estudantes. Precisamos abrir clareira para estarmos entre nós, para construir aulas coletivas, usar o tempo institucional formal para fazer atividades que rompem com as fragmentações, criando oportunidade de convivência e de construção de um percurso, com ligações afetivas que permitem dizer do que se passa. Para ela, determinadas maneiras de acolher e cuidar são possíveis, desde que estejamos em uma rede solidária, acionável e com possibilidades de dar respostas singulares. A CDH é um catalisador interessante, porque dá publicidade, afirma e legitima o que está acontecendo em termos de política institucional, reconhece a existência de situações de violação. Sugere que na CDH tenha participação de profissional de fora da unidade, pois pode contribuir com outras experiências e olhares.

Ao fim dessas interlocuções, a presidenta da CG apresentou um esquema representativo de rede de apoio para destacar que em uma rede não há um centro de referência, mas a criação de inúmeras possibilidades de articulações com diferentes coletivos, instâncias da unidade, da USP e de outras redes (saúde e assistência social,

como exemplos). Aproveita para trazer alguns pontos que podem indicar encaminhamentos:

- a necessidade de estabelecer princípios de acolhimento e encaminhamento;
- como um princípio, agir de forma a não tomar para si a demanda trazida por um(a) estudante, pois é preciso coletivizar (há certas formas de cuidar que só são possíveis quando há uma rede solidária);
- incluir o(a) estudante na pactuação dos caminhos, garantindo sua participação;
- soluções pedagógicas são soluções de cuidado;
- garantir espaços de troca e construção de saber, a partir da experiência;
- espaços e tempos de convívio – estratégias de melhoria dos espaços e promoção de encontros;
- criar a Comissão de Equidade e Direitos Humanos.

Para encerrar os trabalhos da manhã, convidou os interessados a se manifestarem o mais breve possível quanto à disposição de comporem um grupo de trabalho para esboçar um projeto institucional de acolhimento de estudantes na Feusp.

Tarde

1) Breve apresentação das ações da CG realizadas e em andamento desde maio de 2018 - Rosângela

2) Roda de conversa para debatermos análises de conjuntura e pensarmos em formas de ação coletiva diante do cenário atual e de suas possíveis implicações em nossas atividades de docência e pesquisa.

A seção foi aberta com inscrições dos presentes. Foi destacada e reiterada várias vezes a importância de resgatar os princípios da universidade, instituição social em que não há neutralidade científica.

Das participações dos presentes foram destacados os seguintes pontos:

- construir estratégias de proteção conjunta:
 - . acordamos haver a necessidade de estabelecermos canais de comunicação entre os docentes para discutirmos situações pedagógicas que possam suscitar debate e atuação coletiva, diante do cenário político atual. Com esse fim, colocaram-se disponíveis a Direção e Vice-direção da Feusp, a CG, as CoCs, a futura Comissão de Direitos Humanos, bem como o Conselho consultivo.
 - . fortalecer os laços de ações da universidade com a escola pública de educação básica.
- investir em segurança digital:
 - . também ficou combinado que consultaríamos especialistas (advogado) sobre os caminhos para termos segurança de informações (facebook e whatsapp), incluindo a possibilidades de oferta de uma oficina de segurança digital.
- intensificar o debate político:

. foi proposta a intensificação do debate político, a necessidade de sair da esfera privada da aula e ir para a esfera pública. Dentre as ações, foi proposto garantir o aprofundamento do debate sobre temas da conjuntura atual que têm implicações na área de educação e, particularmente, na educação superior, a serem concretizadas em diversos formatos, tais como: aulas abertas, eventos da Adusp, em comunicado da Feusp de boas-vindas aos(às) estudantes em que constem alguns de nossos princípios relacionados à universidade pública, laica, plural e livre.

. fomentar o debate em classe, possibilitando a manifestação de diferentes ideias, o deslocamento da mera manifestação de opiniões para o debate fundamentado teoricamente, com análises em profundidade.